

**XV Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR)**

**Grupo de Trabalho 09: “Ensino de Sociologia”**

**Título do trabalho: A sociologia no ensino médio: retratos do cotidiano, a escola, o professor e o aluno**

**Nome da Autora: Luiza Helena Pereira**

**Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**e-mail para contato: luiza.helena@ufrgs.br**

## **A sociologia no ensino médio: retratos do cotidiano, a escola, o professor e o aluno**

**Resumo:** Em continuidade à proposta de fazer uma sociologia da sociologia no ensino médio, a pesquisa investigou, agora, aspectos qualitativos do processo ensino-aprendizagem de sociologia. Buscou-se analisar as condições da escola como ambiente de trabalho, os fatores relacionados com a atividade do professor e variáveis relativas ao desempenho do aluno, bem como a dinâmica das aulas de sociologia. Para atingir os objetivos propostos utilizou-se a metodologia de investigação dialética, através da observação das aulas, das relações sociais de interação professor-aluno e aluno-aluno, da análise dos programas de ensino, do método de trabalho, tipo de avaliação e exercícios propostos pelo professor. Realizou-se entrevistas com professores e alunos, examinadas a partir da análise de conteúdo. Os resultados obtidos reafirmam a importância de aprofundar a sociologia da sociologia no ensino médio.

### **Retratos do cotidiano**

A pesquisa sobre a sociologia no ensino médio no Rio Grande do Sul vem se realizando desde 2001. Pode-se dizer que esta pesquisa desenvolveu-se em dois momentos: a) de 2001 a 2008, quando a disciplina de sociologia no ensino médio, sendo mencionada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, não era obrigatória; b) a partir de 2008, quando então a sociologia passa a ser obrigatória no ensino médio.

Em seu início, o objetivo da pesquisa foi verificar a presença da disciplina de Sociologia nos currículos de escolas públicas de ensino médio no Rio Grande do Sul e a formação dos professores. Para tanto, entre os anos de 2001 e 2006 foram realizados levantamentos anuais, a partir dos censos escolares obtidos através da Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul - SEC e dados fornecidos pelas Coordenadorias Regionais de Educação - CRES. Naquele momento a pesquisa era mais quantitativa, exatamente para fazer um diagnóstico da realidade deste ensino (PEREIRA, 2007b). Chegou-se a duas conclusões principais: 1) a sociologia vinha sendo implantada gradativamente, independentemente de uma Lei que a tornasse obrigatória e 2) a maioria dos professores que ensinavam sociologia não eram formados na área.

A partir de 2008 a pesquisa passou a ter um caráter mais qualitativo com o objetivo de apreender os meandros do ensino da sociologia. Nossa intenção foi fazer uma sociologia da sociologia no ensino médio (PEREIRA, 2009). Assim, restringiu-se a pesquisa ao âmbito de Porto Alegre, onde era possível ter

acesso aos professores, pela proximidade geográfica dos pesquisadores com as escolas. Naquele momento passou-se a aplicar um questionário com questões fechadas (quantitativo) e abertas (questões mais qualitativas) e entrevistar os professores. As questões fechadas permitiram um conhecimento sobre o perfil sócio-econômico e a formação dos professores, enquanto as questões abertas permitiram a análise das concepções e práticas dos professores quanto ao ensino da disciplina. Conforme o objetivo teórico proposto optou-se pela escolha e adaptação de quatro tipos de abordagem da literatura da sociologia das ciências sociais: 1. Características sociais e profissionais dos professores de ensino médio; 2. Concepções sobre a importância da sociologia enquanto fenômeno social, 3. Contato dos professores de ensino médio com os padrões normativos da comunidade científica e 4. Como os professores vinculavam as ciências sociais a suas práticas políticas. Nesse momento da pesquisa verificou-se como os professores de sociologia do ensino médio das escolas públicas de Porto Alegre lecionavam esta disciplina (PEREIRA, 2009).

A pesquisa abrangeu 44 professores de Sociologia de 35 escolas públicas (34 estaduais e uma federal) localizadas em Porto Alegre - RS. Estas escolas representaram aproximadamente a metade das escolas de ensino médio de Porto Alegre, já que, na época havia 74 escolas públicas de ensino médio em Porto Alegre – RS: 70 escolas estaduais, duas federais e duas municipais (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Após este número considerado expressivo em relação ao universo de escolas de Porto Alegre, optou-se pelo fechamento amostral por saturação teórica na leitura dos dados da pesquisa. “O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição” (FONTANELLA, 2008, p. 17). Significa que mais informações trazidas por novos entrevistados não modificariam significativamente os dados já levantados, e, portanto, não contribuiriam para o aperfeiçoamento da reflexão teórica sobre o tema investigado. Para decidir sobre o ponto de saturação da amostra leva-se em consideração: 1- indiretamente o referencial teórico usado pelo pesquisador e o recorte do objeto e 2- diretamente os objetivos definidos para a pesquisa e o

nível de profundidade a ser explorado (dependente do referencial teórico) (FONTANELLA, 2008, p. 25).

Ao optar pelo fechamento da amostra, por saturação, aplicamos o princípio da ilusão de transparência e da não-consciência (BOURDIEU, 1994), isto é, levamos em consideração o sistema de relações objetivas em que os sujeitos pesquisados se encontravam inseridos e não a concepção que eles manifestavam destas relações sociais. O balanço dos dados, durante todo o período da pesquisa, iniciada em 2001, mostrou que até agora foi mais frequente a repetição dos dados e não as diferenças, pois a população estudada mostrava o mesmo perfil quanto à sua formação, ou seja, a maioria não era formada em ciências sociais. Encontraram-se professores formados em filosofia, pedagogia, história, letras, inglês e até matemática e química, lecionando sociologia. Quanto a sua concepção acerca do ensino da sociologia as afirmações eram coincidentes, assim como as informações sobre as condições institucionais-profissionais pesquisadas.

Sobre o item formação dos professores foram realizados três levantamentos. O primeiro em 2005, que incluiu grande parte das escolas públicas do Rio Grande do Sul, com dados fornecidos pelas Coordenadorias Regionais de Educação-CRES/RS, foi analisada a formação de 441 professores que estavam lecionando sociologia no ensino médio. Os dados do levantamento demonstraram que apenas 15,5% destes professores eram formados em ciências sociais. Ressalte-se que esta realidade corresponde a cidades do interior do Rio Grande do Sul, onde, talvez seja mais difícil encontrar professores de sociologia com habilitação específica para lecionar esta disciplina, ou seja, com licenciatura em ciências sociais (PEREIRA, 2007b).

Por ocasião do segundo levantamento realizado entre 2008 e 2009 foram entrevistados 44 professores da rede estadual que estavam lecionando sociologia no município de Porto Alegre. Constatou-se que doze deles eram formados em Ciências Sociais, o que corresponde a 27% dos professores pesquisados, na ocasião (PEREIRA e AMARAL, 2010).

O terceiro levantamento, de janeiro de 2009, obtido junto à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul teve como meta verificar qual era a

situação da sociologia naquele momento em nosso Estado (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2009a). A partir desse levantamento constatou-se que em Porto Alegre havia 309 professores lecionando as disciplinas de filosofia e de sociologia. Destes, 90 apresentavam formação específica (em sociologia ou filosofia), 48 em pedagogia e 171 com “outras” formações. Esse levantamento demonstrou que somente 29% dos professores eram formados na área de filosofia ou sociologia. O mesmo levantamento informou que, no universo de 5021 professores que ministravam sociologia e filosofia no Rio Grande do Sul, apenas 1290 tinha formação específica em sociologia ou filosofia, o que representa 25,6% de professores formados “na área”. Destaque-se, novamente, que não foi possível saber, neste caso, exatamente quantos professores eram formados em Ciências Sociais, visto que o dado agrupa professores de sociologia e filosofia, o que nos leva a suposição de que, no caso da sociologia, este número é ainda menor que os 29% e os 25,6% acima referidos.

Portanto os três levantamentos realizados confirmaram que menos de um terço dos professores que estão lecionando sociologia, no Rio Grande do Sul são formados em Ciências Sociais.

As informações sobre as condições institucionais-profissionais e as concepções dos professores acerca do ensino da sociologia tenderam a se repetir. Em relação às condições estruturais verificou-se ser constante a sobrecarga de trabalho, muitas turmas, muitos alunos, os baixos salários e as precárias condições institucionais. Quanto a sua compreensão acerca da importância da sociologia no ensino médio e o que pensavam sobre a obrigatoriedade da disciplina, em geral, os professores citavam os mesmos argumentos, ou seja: consideravam que a disciplina de sociologia era importante para a formação de seus alunos, porém as respostas permaneceram no nível do senso comum. A pesquisa demonstrou semelhança na escolha dos temas e nas metodologias utilizadas nas aulas. Em relação à escolha dos temas verificou-se uma pulverização de conteúdos trabalhados com os alunos em sala de aula e quanto à metodologia nenhum professor apresentou uma opção teórico-metodológica, claramente definida, para sua prática pedagógica (PEREIRA, 2009).

Dessa parte da pesquisa três conclusões se destacam: 1) as condições estruturais para o ensino da sociologia no ensino médio são inadequadas: a maioria dos professores não é formada na área, há uma sobrecarga de trabalho (muitas turmas, muitos alunos), os salários são baixos, o professor não está preparado para ensinar sociologia; 2) embora sendo a favor da obrigatoriedade da disciplina no ensino médio, os professores tem poucos argumentos sobre sua importância e 3) os professores não demonstraram trabalhar a luz da LDB, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, dos Parâmetros Curriculares e dos Parâmetros Curriculares + e das Orientações Curriculares para a Sociologia no Ensino Médio, de 2006 (PEREIRA e AMARAL, 2010).

Em continuidade à proposta de fazer uma sociologia da sociologia no ensino médio (PEREIRA, 2009), a pesquisa investigou, a partir de 2011<sup>1</sup>, aspectos qualitativos do processo ensino-aprendizagem tais como: o ambiente de trabalho escolar, o desempenho do professor em sala de aula, o envolvimento do aluno e a aula de sociologia propriamente dita. Buscou-se analisar as condições da escola como ambiente de trabalho, favorável ou não ao ensino da sociologia e variáveis do cotidiano escolar.

Em relação ao ambiente de trabalho pesquisou-se a infraestrutura disponível na escola, ou seja, os recursos didáticos para favorecer o trabalho do professor, como, por exemplo, equipamentos audiovisuais, laboratórios de informática e livros de sociologia existentes na biblioteca da escola. Foram considerados, também, os aspectos físicos da sala de aula, se favoráveis ou não, para realização de trabalhos em grupo, rodas de discussão e interação entre os alunos. Quanto aos fatores relacionados com a atividade do professor a pesquisa investigou variáveis como: a formação do professor de sociologia em ciências sociais ou não; seu desempenho na prática de ensino, o que implica em conhecimentos, interesses, atitudes e habilidades específicas para estimular o aluno no estudo da sociologia; a concepção teórica-metodológica de como ensinar sociologia; bem como os recursos didáticos e a utilização de novas tecnologias em sala de aula. As variáveis relativas ao desempenho do aluno pesquisadas foram atitudes, interesses e habilidades no sentido de ampliar sua

---

<sup>1</sup> Participou da pesquisa o bolsista de Iniciação Científica Marcos Machado Duarte, com apoio PROPESQ/UFRGS.

visão do mundo social. No que se refere às aulas de sociologia a pesquisa analisou a dinâmica aplicada em sala de aula no que diz respeito aos conteúdos trabalhados, a metodologia e os resultados obtidos em relação ao desenvolvimento do aluno quanto à ampliação de habilidades sociais, valores democráticos, e subjetividades observadas que emergiram no decorrer do acompanhamento das aulas de sociologia.

Para atingir os objetivos propostos utilizou-se a metodologia de investigação dialética, através da observação das aulas, das relações sociais de interação professor-aluno e aluno-aluno, da análise dos programas de ensino, do método de trabalho, do tipo de avaliação e os exercícios propostos pelo professor. Realizou-se também entrevistas com professores e alunos, sendo as mesmas examinadas a partir da proposta metodológica da análise de conteúdo. Os resultados obtidos, como veremos mais adiante, reafirmam a importância de aprofundar a sociologia da sociologia no ensino médio.

Para a operacionalização desta fase da pesquisa, com características mais qualitativas, optou-se em realizar amostragem intencional. Esta amostra permite a inferência, a dedução e a indução na sociologia. Interessante ressaltar o trabalho de Florestan Fernandes e a problemática que levanta em relação às questões acima abordadas.

Em seu trabalho Fernandes afirma que a indução é fundamental na sociologia, mas o que deve ser discutido não é a “afirmação óbvia de que sempre devemos partir dos dados da experiência, mas sim o grau de confiança e de exatidão alcançadas no domínio da investigação sociológica na interpretação dos fenômenos sociais, o que não se realiza através de um arrolamento de dados de fato” (FERNANDES, 1972, p. 48). Dessa forma, a indução sociológica não se constitui numa mera forma de elaboração de dados brutos e pode assumir tanto uma forma qualitativa como quantitativa. Os problemas de indução sociológica dizem respeito à objetividade na seleção dos dados e à precisão na formulação do problema de pesquisa. Citando Cournot, Fernandes afirma que sua contribuição está na solução material que proporcionou ao processo de inferência indutiva: o importante não é o número

de casos, mas o modo de tratá-los. O número de casos depende do tipo de pesquisa<sup>2</sup> (PEREIRA, 1998, p. 100).

Assim, para atingir o objetivo de aprofundar a sociologia da sociologia no ensino médio, contemplando um número menor de casos estudados, optou-se em realizar um estudo comparativo de casos. O estudo de caso nos permitiria um estudo em profundidade, uma análise intensiva, reunindo o maior número possível de informações detalhadas, através de técnicas de coleta de informações variadas (observações, entrevistas, documentos). Já a análise comparativa visava ultrapassar a unicidade procurando regularidades, semelhanças e diferenças entre os casos analisados. “A comparação ‘intensiva’ de um pequeno número de casos similares permite, melhor do que um único caso, teorizar a respeito da própria organização” (BRUYNE, 1991, p.224-232).

Foram observadas três turmas de sociologia, do primeiro ano do ensino médio de duas escolas com características diferenciadas em Porto Alegre. A primeira, localizada perto do centro da cidade, denominada na pesquisa de Escola A e a outra situada num bairro um pouco mais afastado do centro, mas considerado relativamente central, isto é não é um bairro da periferia, denominada Escola B. A Escola A possui somente ensino médio e a Escola B possui ensino fundamental e ensino médio.

A primeira Escola (A) possui 2361 alunos no ensino médio. Nesta escola foram selecionados dois professores: um com licenciatura em ciências sociais e o outro sem licenciatura em ciências sociais. Este último formado em história. O objetivo foi verificar se, sob as mesmas circunstâncias, dois professores com formações distintas atuariam de forma diferenciada, na condução pedagógica do ensino da sociologia. Levantou-se como hipótese que o professor licenciado em ciências sociais trabalharia com seus alunos de uma forma mais “sociológica” do que aquele não formado em ciências sociais.

Na Escola B, que possui 309 alunos no ensino fundamental e 764 alunos no ensino médio, num total de 1073 alunos, o professor é formado em ciências sociais. Cabe ressaltar que esta escola e professor foram selecionados para

---

<sup>2</sup> Cournot é citado por Florestan Fernandes, op. cit. p. 56 e 119, que refere a bibliografia consultada: Antoine-Augustin Cournot. *Considerations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*. Paris, Boivin et Cie, 1934.



realizar comparação com os outros dois professores da Escola A. Conjeturava-se que este professor, com licenciatura em ciências sociais, também trabalharia de forma a desenvolver um olhar sociológico com seus alunos.

Nas duas escolas a sociologia já estava sendo lecionada nos três anos do ensino médio, conforme normatização com base no Parecer CNE/CEB Nº: 22/2008. Este Parecer orienta no sentido da sociologia ser lecionada nas três séries do ensino médio e que sua inclusão deveria ser gradativa, iniciando em 2009 e terminando em 2011, para os cursos de ensino médio com três anos de duração e até 2012, para os cursos com quatro anos de duração. “Sem dúvida, no entanto, com a Lei nº 11.684/2008, quis o legislador que Filosofia e Sociologia componham obrigatoriamente, em todas as suas “séries”, o currículo do Ensino Médio oferecido por todas as escolas, sejam públicas, sejam privadas (BRASIL, PARECER 22/2008, p. 02 e p. 04).

As observações das condições estruturais da escola e as observações realizadas em sala de aula, sobre o trabalho do professor e o desempenho dos alunos, foram realizadas durante o primeiro semestre de 2011. Os aspectos investigados eram anotados num diário de campo, analisados e discutidos após cada observação semanal realizada. Durante cada semana foi observada, pelo menos uma aula de cada professor, sendo que houve ocasiões em que foram observadas duas aulas de cada professor. Além das aulas analisaram-se os programas, textos, exercícios, atividades diversas e provas realizadas com os alunos. As observações de sala de aula, as anotações do diário de campo, os programas, os exercícios, as atividades diversas e as provas feitas com os alunos foram consideradas a partir da técnica da análise de conteúdo.

Cabe lembrar que uma das técnicas da análise de conteúdo é a análise das relações<sup>3</sup>. Esta técnica procura as relações que os elementos do objeto de pesquisa mantêm entre si. Não trata apenas da simples frequência dos elementos do texto ou dos elementos do objeto investigado, mas das relações estabelecidas entre esses elementos (PEREIRA, 1998, p.109). Considerando a sala de aula e as relações sociais entre professores e alunos entendeu-se possível analisá-las a partir desta metodologia de pesquisa. A análise de

---

<sup>3</sup> Outras técnicas da análise de conteúdo são: análise de avaliação, análise de enunciação, análise de expressão e análise do discurso (PEREIRA, 1998).

conteúdo trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens ou sons (BAUER, 2002, p. 195). As imagens trabalhadas em sala de aula pelos professores (filmes, fotografias, quadrinhos) e sons (músicas, ruídos, conversas entre alunos, e destes com os professores) foram examinadas pela análise de conteúdo.

Os resultados da investigação passam a ser relatados a seguir. A partir do referencial teórico sobre o tema, apresentam-se as três dimensões construídas para a análise: 1) O ambiente de trabalho escolar e o ensino de sociologia; 2) a atividade do professor e 3) o desempenho do aluno.

### **O ambiente de trabalho escolar e o ensino de sociologia**

Quanto ao ambiente de trabalho considerou-se que as escolas possuem boa infraestrutura o que poderia propiciar um bom ensino de sociologia. Há bibliotecas com livros de sociologia disponíveis; há laboratórios de informática e salas multimídia. Foram considerados, também, os aspectos físicos da sala de aula, se favoráveis, ou não, para realização de trabalhos em grupo, rodas de discussão e interação entre os alunos, como veremos adiante.

No que diz respeito à biblioteca e aos livros de sociologia constatou-se que as bibliotecas possuem livros de sociologia em quantidade que poderia ser considerada satisfatória, porém, os mesmos não foram editados especificamente visando o ensino médio. Embora sendo uma escola com maior número de alunos e todos do ensino médio, a Escola A tem menos livros de sociologia do que a Escola B. A Escola A tem 59 livros de sociologia na biblioteca, e 50 títulos diferenciados. Já a Escola B possui 236 livros de sociologia na biblioteca com 214 títulos diferenciados. Interessante e esclarecedor foi constatar que nem sempre a classificação dos livros como sendo de sociologia é pertinente, pois foram encontrados títulos que não poderiam ser considerados livros de sociologia: como exemplo citamos “Etiqueta do século XXI”, da jornalista gaúcha Célia Ribeiro. O livro de sociologia mais procurado na Escola A é: Sociologia Geral de Eva Maria Lakatos. Todavia, realizando entrevistas com as bibliotecárias constatou-se que não são os alunos que retiram livros de sociologia das bibliotecas e sim quem o faz são os professores.

Dos autores clássicos da sociologia, Marx, Durkheim e Weber, apenas em uma das escolas foram encontrados alguns volumes do Capital de Marx. Porém, não foram encontrados livros dos autores contemporâneos mais importantes, tais como Bourdieu, Giddens, Elias, Boaventura de Sousa Santos, para citar apenas alguns. Por exemplo, o livro “Sociologia” de Giddens seria um ótimo exemplar para ser consultado por professores e alunos (GIDDENS, 2005). Isso porque Giddens intercala explicação teórica com exemplos concretos, analisando com rigor teórico temas contemporâneos de várias localidades do mundo.

Nas duas escolas há dicionários de sociologia. Sobre autores brasileiros foi encontrado, nas duas escolas, o livro organizado por Octávio Ianni, que trata da obra de Florestan Fernandes, da coleção Grandes Cientistas Sociais, editora Ática. Outros livros de autores brasileiros também estão à disposição de alunos e professores, por exemplo, “Sociologia e Sociedade” de Marialice Foracchi e José de Souza Martins. Até livros tradicionais e relativamente raros na área das ciências sociais como “Os donos do Poder” de Raimundo Faoro, foram encontrados na Escola B.

Verificamos também alguns títulos relativos ao tema “Introdução à Sociologia”, ou “Sociologia Geral” dos autores T.B Bottomore, Milton Bins, Eva Maria Lakatos, Padre Fernando Bastos de Ávila, Maria Luiza Silveira Teles, “O que é Sociologia” de Carlos Benedito Martins, entre outros. Este títulos foram encontrados ora em uma das escolas, ora nas duas escolas. E, o mais importante, encontramos na biblioteca da Escola B alguns livros especificamente editados para o ensino médio como: “Dez lições de Sociologia” de Gilberto Dimenstein, “Introdução à Sociologia” e “Sociologia da Educação”, de Nelson Tomazi, edições de 1997 e 2000, bem como a nova edição de 2007.

Embora considerando que as bibliotecas possuem um número expressivo de livros de sociologia a rigor consideramos que os mesmos não são livros didáticos de sociologia indicados para o ensino médio, com exceção dos últimos acima citados. Entretanto os livros existentes nas referidas bibliotecas poderiam auxiliar o professor a preparar suas aulas, e até mesmo serem utilizados em sala de aula para trabalhar com os alunos, uma espécie de apresentação formal

da sociologia, um verdadeiro passaporte no sentido de despertar a curiosidade do aluno para leitura e desenvolvimento do conhecimento sociológico.

Constatou-se, também, que os professores não levam seus alunos à biblioteca para pesquisar, manusear e entrar em contato com os livros de sociologia lá disponíveis, nem incentivam que lá procurem livros de sociologia. Poderiam, por exemplo, estimular os alunos a conhecer os livros e quem sabe, despertar a curiosidade destes para a leitura de alguns dos livros. Por exemplo, um exercício interessante seria solicitar aos alunos que fossem à biblioteca, anotassem nomes de livros de sociologia que mais despertassem sua atenção, quais os temas tratados nestes livros, quem seriam seus autores. Assim, os professores poderiam apresentar a seus alunos, a diversidade de temas e opiniões tratados pela sociologia.

Conforme relatado pelas bibliotecárias, os livros existentes nas escolas passaram a fazer parte do acervo das bibliotecas a partir de três fontes: alguns vieram através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, do Ministério da Educação, outros foram comprados com fundos de apoio às escolas: a Fundação de Apoio da Escola e Associação dos Amigos da Escola. Muitos livros foram fruto de doações de professores, alunos e comunidade. Foi informado, pela bibliotecária da Escola A, que a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul não envia livros para as escolas e segundo depoimento da bibliotecária da Escola B “ela compra os livros que julga mais importante daqueles solicitados pelos alunos”. Percebe-se, assim, que os livros não são resultado de aquisições a partir de um Projeto Político Pedagógico das escolas, que incluísse e consolidasse a sociologia entre suas disciplinas em igual importância com as demais. Sabe-se que os recursos das escolas para aquisição de livros são escassos, realidade que, diga-se de passagem, reflete uma evidente desconsideração, no caso, por parte do governo estadual, pelo ensino não só da sociologia como também pelo ensino de uma forma geral.

Num primeiro momento não foram encontrados nas bibliotecas pesquisadas os “Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Área de Sociologia”, organizado pelo Departamento Pedagógico da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul em 2009, que contém as habilidades e competências e um conjunto mínimo de conteúdos os quais deveriam servir de

orientação para as escolas organizarem seus currículos. Posteriormente verificou-se que os Referenciais Curriculares estavam na sala do serviço pedagógico. Quando indagados sobre a utilização dos Referenciais Curriculares nas aulas, um dos professores da Escola B disse: “foi discutido e considerado ‘utópico’ pelos professores”. Para explicar o porquê dessa resposta o professor afirmou que os Referenciais propõem trabalhos em grupo, seminários, o que seria impossível, na prática, dado o exíguo tempo da aula – 50 minutos – e o grande número de turmas e alunos que os professores têm.

Cabe salientar que a ausência, nas bibliotecas, de livros didáticos dirigidos especificamente para o ensino médio fere a legislação, pois o voto do relator do Parecer CNE/CEB Nº: 38/2006 menciona, com relação à sociologia e filosofia: “não há dúvida de que, qualquer que seja o tratamento dado a esses componentes, as escolas devem oferecer condições reais para sua efetivação, com professores habilitados em licenciaturas que concedam direito de docência desses componentes, além de outras condições, como, notadamente, acervo pertinente nas suas bibliotecas” (BRASIL, PARECER 38/2006). Podemos argumentar que somente agora a obrigatoriedade da sociologia exige cumprimento à normatização acima, mas, no entanto, a sociologia já vem sendo oferecida na Escola A desde 2008. Na Escola B a sociologia passou a ser oferecida a partir de 1997, ou seja, logo após a promulgação da LDB, mesmo antes de sua obrigatoriedade.

Percebe-se, no entanto, que existe uma tendência positiva no sentido de atualizar as bibliotecas pesquisadas com livros didáticos mais voltados para o ensino médio, como por exemplo, os livros de Tomazi e Dimenstein, recentemente adquiridos com verbas das associações de amigos da escola.

A propósito vale a pena mencionar que, pela primeira vez, a sociologia foi incluída no Programa Nacional do Livro Didático-PNLD<sup>4</sup> e todos os professores das escolas públicas do Brasil e, em particular, os professores das escolas pesquisadas receberam no primeiro semestre de 2011 exemplares destes livros para análise. Ressalte-se que, também pela primeira vez, em 2010 foi incluída a sociologia, na “Coleção Explorando o Ensino”, editada pelo Ministério da

---

<sup>4</sup> <http://www.fnde.gov.br/index.php/pnld-guia-do-livro-didatico>.

Educação que será distribuída, no início do 2º semestre letivo de 2011, para todas as Secretarias de Educação e escolas públicas brasileiras. Consideramos estas publicações um avanço, pois coloca ao alcance dos professores e alunos material de qualidade, específico para o ensino da sociologia no ensino médio.

No que diz respeito ao ensino da sociologia com a utilização das novas Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, as duas escolas pesquisadas possuem pelo menos uma sala multimídia, equipadas com televisão acoplada ao computador, Datashow e laboratório de informática.

Durante o período em que foi realizada a observação os professores da Escola A utilizaram a sala multimídia, pelo menos uma vez, para exibição de filmes de curta e longa metragem. Como exemplo citamos que o professor formado em história, da Escola A exibiu o curta-metragem “Ilha das Flores”, filme sobre catadores de lixo, na Ilha das Flores, em Porto Alegre, do cineasta Jorge Furtado, produzido em 1989. Quando perguntamos sobre o objetivo de ter passado este filme, o professor disse que havia ocorrido uma palestra sobre reciclagem de lixo no início do ano, na Escola. O objetivo da aula era fazer uma comparação da realidade dos catadores há 20 anos e a atual organização dos mesmos em cooperativas de reciclagem. Entretanto o professor não explicitou este objetivo para os alunos só o mencionou para o pesquisador, quando inquirido no corredor da Escola. No dia do documentário ele pediu um exercício escrito de interpretação do filme e posteriormente não falou mais sobre o assunto, nem deu retorno do trabalho escrito, portanto não houve prosseguimento da tarefa, nem tampouco do tema.

O outro professor desta mesma Escola (A) utilizou a sala multimídia para exibir, o filme “Tropa de Elite 2”. Mas não foi explicado o objetivo desta exibição. Ficou como uma atividade sem propósito. Não havia nenhuma relação do programa de ensino do professor com este filme. O professor da Escola B, ao contrário, não utilizou a sala multimídia durante o período da observação.

No que se refere aos laboratórios de informática das Escolas investigadas, os professores não propiciaram aos seus alunos a utilização deste recurso.

Quando observadas as salas de aula, a fim de verificar se as mesmas permitiriam a realização de trabalhos em grupo, rodas de discussão e interação entre os alunos, constatou-se que as salas da Escola A são espaçosas e possuem as condições necessárias para realizar este tipo de atividade. Apesar disso, verificou-se que, uma única vez durante o período da observação, um dos professores desta Escola (A) solicitou aos alunos a organização de um mural, segundo o tema proposto: Comte e o Positivismo, dessa forma permitindo maior circulação na sala, o que possibilitou aos alunos construir um painel coletivo. Mesmo assim nem todos os alunos participaram das tarefas, permanecendo conversando, desinteressados da construção do mural. Por sua vez o professor não estimulava a participação de todos na atividade.

Diferentemente, na Escola B o espaço da sala de aula é diminuto, a sala é comprida e estreita. Contudo, não se observou do professor nenhum esforço pedagógico no sentido de suprir esta deficiência, por exemplo, realizando um tipo de atividade que propiciasse a interação entre os alunos, ou um trabalho diferenciado. Apenas o que se viu, foram alunos que permaneciam enfileirados um atrás do outro, como de praxe.

### **A atividade do professor**

Como vimos anteriormente, foram observadas as práticas de ensino de três professores. Dois deles formados em ciências sociais e o terceiro formado em história. Queríamos verificar se dois professores lecionando na Escola A com formação distinta: um formado em ciências sociais e o outro licenciado em história, e um terceiro professor formado em ciências sociais, lecionando na Escola B, caracterizariam situações diferenciadas no ensino da sociologia.

Entretanto o tipo de formação dos professores não significou práticas pedagógicas e de ensino da sociologia diferenciadas. Ao contrário, observou-se através da análise dos escassos programas de ensino existentes nas escolas ou dos programas formulados pelos professores, como também através das aulas ministradas, dos exercícios propostos aos alunos e das provas realizadas, que a prática dos professores se assemelha.

O que se viu foi que os professores trabalharam, durante todo o primeiro trimestre, conteúdos sobre o contexto do surgimento da sociologia e do termo

sociologia, quem foram os primeiros sociólogos e quais seus principais conceitos, isto é, durante três meses, os professores mantiveram a mesma temática. A forma de lecionar os conteúdos, através de aulas expositivas, fez com que assumissem características de aulas de história e não de sociologia, pois eram explanadas as circunstâncias históricas do surgimento desta ciência. Para nós não foi surpresa que o depoimento de uma aluna, quando entrevistada para opinar sobre “como deveriam ser as aulas de sociologia” ilustrou: “esperava que não se misturasse tanto com história”. Diga-se de passagem, que o professor desta aluna é formado em ciências sociais.

Em relação aos programas constatou-se que dos três professores observados apenas um dos professores, da Escola A, apresentou uma ementa aos alunos. Das duas escolas, apenas a Escola B apresentou e nos forneceu uma cópia de um programa de sociologia correspondente ao primeiro trimestre de 2011, para o primeiro e para o segundo ano do ensino médio.

Na Escola A o professor licenciado em ciências sociais entregou uma ementa aos alunos no início das aulas. Porém, apenas entregou a mesma aos alunos somente enquanto o professor lia, depois a recolheu. Disse que posteriormente traria uma ementa específica de cada trimestre. Entretanto, durante todo o período da observação não entregou mais nenhuma ementa, ou programa da disciplina aos alunos.

Como as turmas selecionadas para observação foram os primeiros anos do ensino médio, a ementa deste professor apresentou como conteúdos a serem trabalhados “os aspectos históricos da reinserção da sociologia no ensino médio, as ciências sociais enquanto ciência, os clássicos da sociologia e suas diferentes análises da sociedade, a realidade social e os problemas sociais”. Este professor afirmou que pretendia trabalhar os Clássicos no primeiro e segundo trimestre e no terceiro abordaria “temas” em sala de aula. Lembramos que em relação ao item temas a ementa destaca: “a realidade social e os problemas sociais”.

Quando perguntado sobre a existência de um programa de sociologia que fosse único para a Escola e ao mesmo tempo específico para cada série, através do qual todos os professores soubessem o que já havia sido ministrado



e o que seria ministrado, ou seja, um programa orgânico, que não fosse fruto do improvisado dos professores da escola, o professor entrevistado informou que o programa escolar estava sendo construído. Disse que os professores se reuniram no início do ano, em uma reunião pedagógica, para montar uma proposta. Cada um recebeu um CD para que colocassem seus programas e entregassem para esse mesmo professor, pois ele seria o responsável principal por sua construção. Não houve mais encontros dos professores de sociologia depois dessa primeira reunião e o programa, quatro meses depois de iniciado o ano letivo, portanto, já no final do semestre, ainda não havia sido construído. O outro professor da Escola A, portanto da mesma escola, formado em história, não entregou nenhum programa para os alunos e ao ser inquirido sobre o programa disse “que seu programa é de cabeça”.

Ao contrário da Escola A, a Escola B, como já referimos acima, apresentou um programa de sociologia que compreendia o primeiro trimestre do primeiro e do segundo ano do ensino médio. Para o primeiro ano o programa contemplava os temas: “O que é sociologia” e “Augusto Comte e a criação da sociologia”. Para a segunda série os temas apresentados foram: “O pensamento crítico e a sociedade moderna” e “Os clássicos da sociologia”. Esses dois programas – da primeira e da segunda série - se assemelham em seu conteúdo, pois sempre iniciam pela apresentação da sociologia e de seus autores clássicos, o que é uma repetição deste conteúdo.

Apesar de a Escola B ter nos apresentado o programa de sociologia para os trimestres do primeiro e do segundo ano, o professor desta escola, licenciado em ciências sociais, não entregou para seus alunos o programa da escola, tampouco um programa criado por ele. Para justificar porque não apresentou nenhum programa para seus alunos o professor argumentou de forma confusa: como lecionava nas primeiras e segundas séries, não sabia se os alunos da segunda série, que não foram seus alunos no ano anterior, já haviam estudado os clássicos. Na dúvida estava repetindo o conteúdo do primeiro ano. Confirmou-se assim, mais uma vez, a tendência à repetição em ministrar sempre o mesmo conteúdo da sociologia: contexto histórico do surgimento da sociologia, positivismo e os autores clássicos. Percebeu-se, assim, que existia uma dificuldade de trabalhar, em aula, a realidade social e o cotidiano dos alunos,

pois se supõe que esses mesmos professores têm dificuldade em entender e explicar teoricamente esta realidade.

Observou-se que, nas três turmas das primeiras séries do ensino médio, os professores estavam trabalhando com a diferença entre ciências sociais e ciências naturais e os autores clássicos da sociologia: Comte, Marx, Durkheim e Weber. Apenas um dos professores, formado em ciências sociais, ao apresentar a sociologia referiu as três áreas das ciências sociais – a antropologia, a sociologia e a ciência política. Constatamos que, durante praticamente quatro meses (março, abril, maio e junho), os professores se alongavam nestes temas. Como conclusão do que dissemos considerou-se inadequada a forma de trabalhar estes temas e autores, para alunos do ensino médio.

O planejamento e o conhecimento por parte dos alunos do que será trabalhado no ano letivo e em todas as séries do ensino médio são fatores fundamentais para a organização da aprendizagem do aluno. A formulação de uma proposta curricular da disciplina de sociologia e da área de ciências humanas poderia ser portadora de um potencial emancipatório se fundamentada numa epistemologia crítica e flexível respeitando saberes e subjetividades de professores e alunos (OLIVEIRA, 2006). A sociologia pode ser um espaço para desenvolver a subjetividade, a cidadania e a emancipação (SANTOS, 1995).

Considera-se que um planejamento e um programa curricular que envolva toda a escola e as áreas afins são de suma importância para o sucesso de uma disciplina, especificamente falando da sociologia. Evitaria ocorrer o que o professor acima mencionado relatou: não saber o que lecionar para alunos que não foram seus alunos no ano anterior. Supor que os alunos não tiveram o conhecimento dos primeiros sociólogos e então trabalhar novamente este conteúdo, repetindo-o para seus alunos do ano anterior é uma completa perda de tempo e leva ao desinteresse sobre a sociologia, por parte dos alunos.

As atividades realizadas pelos professores com seus alunos em sala de aula para ensinar sociologia foram: aulas expositivas, visitas, pesquisa, confecção de um mural, apresentação de vídeos e filmes, exercícios e provas.

Quando questionados, nas entrevistas, sobre os procedimentos didáticos utilizados em suas aulas de sociologia (metodologia), os professores

responderam que trabalhavam com aula expositiva dialogada. O que vimos foi que os professores não apresentavam uma definição teórico-metodológica para o ensino das ciências sociais. Já em relação aos conteúdos verificou-se que eram trabalhados de forma linear, fragmentada e descontextualizada (MEKSENAS, 1994).

As aulas eram expositivas dialogadas, porém mais expositivas que dialogadas, pois em geral a participação dos alunos era através de respostas a questões pontuais feitas pelos professores. Observou-se que um dos professores ministrava sua aula de forma expositiva, sem fazer perguntas para os alunos, sem ao menos deixá-los falar. Um dos alunos tentava sempre responder as perguntas que o professor fazia, mas essas perguntas não eram para ser respondidas, pois o professor fazia perguntas que ele mesmo respondia. A qualquer sinal de conversa, o professor interrompia a aula e ficava com um olhar sério para o aluno que estava conversando, o aluno silenciava e pedia desculpa. O professor continuava a aula.

A didática utilizada, através de aulas expositivas, trabalhando os conteúdos sem conexão com temas da realidade cotidiana do aluno faz com que esses alunos não se interessem pelos conteúdos ministrados. Recomenda-se que os temas trabalhados em sociologia sejam vinculados à realidade e procurem, sempre, provocar a desnaturalização e o estranhamento, relacionando temas, conceitos e teorias, como indicam as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNs, 2006).

Em geral os professores não adotam uma prática docente de dar voz aos alunos (MEKSENAS, 1994). Lembrando Tomazi: os professores gostam de falar muito e não deixam seus alunos falarem. Se não ouvem seus alunos como saber de seus desejos e angústias. Como propiciar aos alunos que desenvolvam explicações mais consistentes sobre si mesmos e sobre o mundo? (TOMAZI, 2004).

Ouvir os alunos é realizar uma perspectiva dialética de ensino para desenvolver o que Gramsci (GRAMSCI, 1978) chamou de movimento de problematização-teorização (PEREIRA, 2007a). Este movimento parte do concreto - saber de senso comum que é o primeiro nível de concretude, o

conhecimento do aluno, a seguir vai ao abstrato - o que significa provocar o confronto do saber cotidiano com o saber sociológico produzindo o momento da teorização e, finalmente, voltar ao concreto - refinamento do senso comum, o bom senso, voltando à realidade agora compreendida através da análise como uma realidade rica em relações e determinações, concreto-abstrato (MARX, 1971a e 1971b).

Como exemplo de visita, proposta por um dos professores, citamos aquela que feita foi ao Templo Positivista de Porto Alegre. Foi, também, solicitada aos alunos uma pesquisa na internet sobre o Positivismo e posteriormente a montagem de um mural, em sala de aula, com fotos dos alunos em frente ao Templo e com textos da pesquisa realizada. Porém o trabalho se desenvolveu sem maiores aprofundamentos, sem o necessário debate sobre o tema e sem o envolvimento efetivo de toda a turma.

Verificamos, também, que não foram realizadas atividades que propiciassem uma metodologia da problematização (BERBEL, 1999) ou trabalhos que melhorassem o desempenho do aluno (MARZANO, 2008). Desta forma dá para entender porque os alunos manifestaram em suas entrevistas que: “o professor poderia dar alguns exercícios por que não consigo aprender apenas lendo”.

Como referimos ao falar sobre o ambiente escolar observou-se que dois professores utilizaram a sala multimídia. Um deles exibiu o vídeo “Ilha das Flores” e o outro o Filme “Tropa de Elite 2”. Diga-se de passagem, que esse professor ficou três períodos passando o filme para os alunos, faltou às próximas três aulas, não terminou de passar o filme e não deu continuidade à tarefa. No currículo da escola a disciplina de sociologia é lecionada em apenas um período por semana, porém o professor tem um período de estudos contemporâneos no qual também leciona sociologia. Desta forma constatou-se que o referido professor ficou quase um mês inteiro passando o mesmo filme para seus alunos. Evidencia-se, assim, o desperdício do tempo em sala de aula, pois ainda segundo os professores uma considerável parte da aula é destinada para anotar a presença dos alunos (um dos professores disse que ficava vinte minutos fazendo a chamada), outra parte da aula os professores permaneciam

esperando o silêncio dos alunos. Rotina que caracteriza exemplos de tempo subtraído da tarefa de ensino-aprendizagem em sua essência.

Nas duas escolas não há a possibilidade do professor levar computador e Datashow à sala de aula para, talvez, passar materiais, fotos, esquemas, preparados pelo próprio professor. Entretanto poderia fazê-lo na sala de multimídia, o que não aconteceu. Há salas de laboratórios de informática, nas duas escolas, porém durante o período de observação os professores não levaram seus alunos a estes laboratórios. Como os laboratórios de informática têm acesso à internet poderiam ser realizados, por exemplo, trabalhos orientados de busca de dados na internet.

Há um exemplo interessante do uso da imagem, utilizando a internet, com a intenção de despertar o olhar sociológico no aluno do ensino médio. O exercício consiste na análise de fotografias produzidas pelos próprios alunos e aquelas por eles publicadas em sites de relacionamento virtual como, por exemplo, o Orkut, o Facebook e os Fotolog's (MOURA, 2010, p. 40). O objetivo desta atividade é justamente questionar, em seus significados e em seu poder de representar a realidade, as fotografias produzidas pelos alunos sobre situações cotidianas.

O que se espera do professor de sociologia do ensino médio é uma prática dinâmica de aproveitamento das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, por exemplo, preparar aulas com a utilização do rico material didático disponível na internet. Entretanto cabe lembrar, citando Tom Dwyer: "é preciso reconhecer que a mera existência das TIC não garante, por si só, que descobertas sejam feitas; é preciso ter pesquisadores dotados de qualificações em Informática e Sociologia, professores capazes de ensinar seus alunos como pesquisar e teorizar. Senão, o aparecimento das TIC na escola pode estar associado a uma reprodução de saberes já consagrados" (DWYER, 2010, p. 165). Portanto, não basta o professor de sociologia levar seus alunos ao laboratório, ensiná-los a trabalhar com dados e obter informações. É necessário que o próprio professor mude sua prática de ensino, assimilando as novas tecnologias e utilizando as teorias sociológicas para transformar as informações em conhecimentos. Desta forma estará apto a orientar seus alunos no sentido de aprender a analisar as informações obtidas.

Durante a pesquisa, no período de observação realizado, dois dos três professores realizaram provas com seus alunos. As provas eram objetivas. Cabe lembrar que para elaborar uma prova objetiva há exigências que devem ser respeitadas; a prova pode ser composta de vários tipos de questões com diferentes níveis de dificuldades: escolha simples, escolha múltipla, asserção e razão, falso ou verdadeiro. Porém as provas analisadas, segundo nosso entendimento, apresentavam um nível de dificuldade muito baixo, continham somente dez questões e todas de escolha simples.

Não foram observados exercícios ou provas dissertativas para verificar o raciocínio dos alunos, a organização das ideias, a clareza de expressão, a originalidade, a capacidade de relacionar fatos e ideias, a capacidade de aplicar conhecimentos, a capacidade de analisar criticamente uma ideia e de emitir juízos de valor, a habilidade de expressar opiniões por escrito com clareza e precisão, a capacidade de interpretar dados, princípios, bem como fazer inferências. Consideramos esse tipo de prova uma avaliação importante para conhecer as opiniões dos alunos e suas atitudes, conforme o tema abordado. Entendemos que a disciplina de sociologia propicia este tipo de exercício e de avaliação proporcionando ao aluno o aprofundamento da aprendizagem através do desenvolvimento de habilidades mentais como: comparar, relacionar, descrever, resolver problemas, apresentar justificativas e argumentar a favor ou contra. Entretanto é importante ressaltar que um dos professores entrevistados manifestou espontaneamente sua dificuldade em fazer provas dissertativas, argumentando que: “leciona para 790 alunos e passou a fazer provas objetivas, pois seria impossível corrigir todas as provas descritivas em duas semanas”.

Portanto a pesquisa demonstrou que o desempenho dos professores, mesmo os licenciados em ciências sociais, se caracterizou por um método de ensino que não relacionava a teoria com a prática, desta forma evidenciando uma deficiência no que se refere a conhecimentos, interesses, atitudes e habilidades específicas para estimular o aluno no estudo da sociologia.

### **O desempenho do aluno**

Em relação ao desempenho dos alunos as variáveis pesquisadas foram atitudes, interesses e habilidades no sentido de ampliar sua visão do mundo

social. Quando observadas as aulas de sociologia a pesquisa teve como objetivo analisar de que forma a dinâmica aplicada em sala de aula influenciou no desenvolvimento do aluno quanto à ampliação de suas habilidades sociais e de seus valores democráticos. Foram avaliados os conteúdos trabalhados, a metodologia, os resultados obtidos e as subjetividades que emergiram no decorrer do acompanhamento das aulas de sociologia. Significa verificar se os estudantes, a partir das aulas, conseguiram questionar a realidade na qual estão inseridos e desenvolver posicionamentos mais solidamente embasados.

Para avaliar essas variáveis aplicou-se, em 60 alunos das três turmas de sociologia das Escolas A e B, um questionário com perguntas fechadas e abertas. As questões fechadas tiveram como objetivo o levantamento dos dados socioeconômicos e o perfil dos alunos. As perguntas abertas procuraram verificar as atitudes, interesses e habilidades dos alunos em relação à sociologia. Para tanto as perguntas abertas versaram sobre os conteúdos aprendidos em sociologia, o que os alunos esperavam estudar nesta disciplina, como pensavam que deveriam ser as aulas e se consideravam importante o ensino de sociologia e por que.

Entre os alunos entrevistados 50 deles ainda não haviam estudado sociologia anteriormente, o que pode ser facilmente explicado, pois eram alunos da primeira série do ensino médio.

Nas três turmas observadas verificou-se maior número de alunas do que de alunos. Como as turmas são em horários diurnos, manhã e tarde, os alunos estão na faixa etária compatível com o período escolar: a maioria tem de 14 a 17 anos. Grande parte dos entrevistados da Escola B (21 de 24 alunos) se autodeclarou de cor branca, porém na Escola A, quase a metade dos alunos se autodeclarou pretos ou pardos.

Quanto aos conteúdos trabalhados os alunos demonstraram ter conhecimento dos temas que estavam sendo apresentados em sala de aula, pelo professor. Quando perguntados sobre “o que você está aprendendo em sociologia?” responderam com frases genéricas informando: o surgimento da sociologia; sobre a sociedade; Auguste Comte; Karl Marx e Émile Durkheim. Entretanto, não aprofundaram nenhum destes tópicos, como por exemplo,

poderiam ter feito uma relação entre Comte, o positivismo e o lema nacional “Ordem e Progresso” inscrito na Bandeira do Brasil e aos republicanos que fundaram a república no Brasil, entre os quais vários gaúchos. Alguns alunos manifestaram certo descontentamento com o que estavam aprendendo, relatando que gostariam de “falar mais sobre a realidade de hoje em dia”, “esperavam que (o conteúdo) não se misturasse tanto com história” e gostariam de estudar “assuntos diversos da sociedade”.

Pesquisando o interesse e as atitudes em relação ao estudo da sociologia constatou-se que os alunos não sabem bem o que esperar da disciplina, pois ao serem inquiridos sobre “o que você esperava estudar nas aulas de sociologia?”, alguns afirmaram genericamente que gostariam de estudar “sobre a sociedade e o que é sociologia”, ou seja, exatamente o que já estavam estudando. Outros disseram não saber sobre o que estudar. Assim, pode-se perceber que a sociologia não foi apresentada aos alunos de forma a mostrar toda a sua complexidade de possibilidades no sentido de desenvolver no aluno habilidades de análise, de ampliar sua visão do mundo, seus valores democráticos, enfim de entender a realidade em que vive.

Entretanto quando questionados sobre “como você acha que deveriam ser as aulas de sociologia?” os alunos demonstraram através das respostas que não estavam satisfeitos com a metodologia trabalhada e que as aulas de sociologia deveriam ser mais dinâmicas e criativas.

Percebe-se pelas falas dos alunos um desejo de aprender sociologia de uma forma mais interessante, ou seja, diferente da aula expositiva que os professores costumavam ministrar, como já referimos quando analisamos o trabalho didático do professor. Para exemplificar citamos algumas respostas dos alunos: “as aulas poderiam ser teóricas e práticas”, “poderiam ter mais conteúdos diversificados” (como já dissemos anteriormente os professores passaram quatro meses estudando os mesmos temas), “modos mais divertidos de aprender”, “mais interativa com debates”, “aula em grupo ou em uma roda dando o direito de cada um expressar sua opinião”, “o professor poderia dar alguns exercícios por que não consigo aprender apenas lendo”. E ainda citamos uma frase que, em nosso entender, simboliza toda a inconformidade dos alunos



com o método didático utilizado para ensinar sociologia: “o professor deve falar menos, porque dá muito sono”.

Assim podemos afirmar que, se os professores de sociologia ouvissem seus alunos, teriam a percepção de um método de ensino mais eficaz e desta forma poderiam reorientar o rumo de suas aulas, no sentido de: “ser professor é cuidar que o aluno aprenda” (DEMO, 2004).

Deduzimos destas falas que os alunos gostariam de ampliar sua visão do mundo social, pois as respostas refletem o seu desejo de trabalhar temas relacionados ao seu cotidiano. Como os temas escolhidos para trabalhar nas aulas de sociologia devem se diferenciar de uma visão jornalística da realidade devemos lembrar novamente a necessidade de o professor trabalhar com temas, conceitos e teorias (OCNs, 2006), ou seja, mais importante do que selecionar assuntos específicos é realizar uma leitura sociológica desta realidade, desenvolvendo no aluno uma imaginação sociológica (MILLS, 1969).

Finalmente para verificar a importância que os alunos atribuem ao estudo da sociologia a pergunta foi: “você considera importante o ensino de sociologia? Por que”?

A maioria dos alunos afirmou que sim, consideram importante o ensino da sociologia. As justificativas foram que, através da sociologia, “aprendiam coisas novas”, “aprendiam a pensar de um jeito diferente”, “em nenhuma matéria se estuda a vida social” e “vai ser necessária para o futuro”. Dos 60 alunos entrevistados apenas oito manifestaram não considerar importante o ensino da sociologia. Destes, dois alunos disseram que a sociologia não se diferenciava muito da história. Os demais referiram que a sociologia não acrescentava em nada, pois não tinha importância para o mercado de trabalho.

### **Para recomeçar...**

Consideramos que a pesquisa aqui relatada é um retrato parcial, porém significativo, da situação do ensino da sociologia no ensino médio. Mesmo realizando um estudo comparativo de casos sabemos que são representativos de uma parte da realidade. Porém, esta forma de ensinar sociologia que não encanta os alunos, existe e não podemos desconsiderá-la.

Entretanto lembramos que esta realidade pode ser mudada. É necessário trabalhar cada vez mais no sentido de requalificar atualizando os professores, e o mais importante, despertando neles a vontade política de ensinar sociologia.

Nossa mensagem é que os próprios professores de sociologia do ensino médio desenvolvam a imaginação sociológica para que se tornem capazes de fazer o mesmo com seus alunos. Somente com muito entusiasmo e paixão pela sociologia serão capazes de realizar um bom trabalho.

Se fôssemos professores desencantados com o mundo (entzauberung der welt) – Max Weber – e, em particular, com o ensino da sociologia no ensino médio, diríamos “e assim caminha a humanidade, com passos de formiga e sem vontade” (Lulu Santos, 1994), porém, ainda acreditamos que as pesquisas, debates e estudos podem reverter o movimento caótico, buscando através de teorizações e explicações chegar à compreensão da realidade como rica em relações e determinações (MARX, 1971b) e assim promover a mudança.

### **Referências bibliográficas:**

BAUER, Martin, GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: VOZES, 2002.

BERBEL, Neusi Aparecida Novas (org.). *Metodologia da Problematização: Fundamentos e Aplicações*. Londrina, UEL, 1999.

BOURDIEU, Pierre et al. *El ofício de sociólogo*. 3 ed. México, Siglo Veintiuno, 1994.

BRASIL, *Parecer 22/2008. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Brasília, MEC, 01/10/2008.

BRASIL, *Parecer 38/2006. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Brasília, MEC, 2006.

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias*/BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2006.

BRUYNE, Paul et al. *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais*. 5.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

DEMO, Pedro. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DWYER Tom, *Sociologia e tecnologias de informação e comunicação*. In: Sociologia: ensino médio / Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 15).

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos de explicação sociológica*, São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan. 2008, pp. 17-27. ISSN 0102-311X. Disponível em:

- <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 maio 2011.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed Ed. S.A., 2005.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MARX, Karl. Marx. *Introducción general a la crítica de la economía política/1857*. Cuadernos de Pasado y Presente, 1. Córdoba, Argentina, 1971a.
- MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1, vol.1. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1971b.
- MARZANO et al. *O Ensino que Funciona*. Estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos. Porto Alegre, Artmed, 2008.
- MEKSENAS, Paulo. *Sociologia*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- MILLS, Wright C. *A imaginação sociológica*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- MOURA, Lisandro Lucas de Lima. Imagem e Conhecimento: a educação do olhar no ensino de sociologia no ensino médio. *Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados*. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.
- PEREIRA, Luiza Helena. Análise de conteúdo: um *approach* do social. In: *Cadernos de Sociologia*, v. 9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.
- PEREIRA, Luiza Helena. *Por uma Sociologia da Sociologia no ensino médio*. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.sbs2009.sbsociologia.com.br/>, arquivo do texto: ([http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/14\\_6\\_2009\\_17\\_56\\_10.pdf](http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/14_6_2009_17_56_10.pdf)).
- PEREIRA, Luiza Helena. Qualificando futuros professores de sociologia. *Revista MEDIAÇÕES*, Revista de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina, 2007a.
- PEREIRA, Luiza Helena. Qualificando o ensino da sociologia no Rio Grande do Sul In: Alice Plancherel e Evelina Antunes (org.). *Leituras sobre sociologia no Ensino Médio*. Maceió: EDUFAL, 2007b.
- PEREIRA, Luiza Helena; AMARAL, Jonathan Henriques. A Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre – RS. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human., Educ.*, Londrina, v. 11, n. 1, p. 15-22, Jun. 2010.
- RIO GRANDE DO SUL. *Censo escolar 2009*. Porto Alegre: Secretaria Estadual da Educação, 2010. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/estatisticas.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 12 maio 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- SECRETARIA de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. *Estudo sobre Filosofia e Sociologia na rede pública estadual*. Porto Alegre, SEED, NAE/DRH, 10.02.2009a.
- SECRETARIA de Estado da Educação. *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Área de Sociologia*. Departamento Pedagógico, Porto Alegre: SE/DP, 2009b.
- SOCIOLOGIA: ensino médio*/Coordenação Amaury C. Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 15).
- TOMAZI, Nelson Dacio; Jr, Edmilson Lopes. Uma trajetória e duas reflexões. In: CARVALHO, Lejeune M. G. de (Org.). *Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.